

Filme de vampiro à brasileira conquista cinefilia

PÁGINA 3



Grammy Latino terá transmissão na TV fechada

PÁGINA 5



Espectáculos de ballet 'invadem' a cidade

PÁGINA 6



2º CADERNO

Por Pedro Sobreiro

Com estreia marcada para esta quinta-feira (9), “As Marvels” é uma aventura ambiciosa do Marvels Studios, que vai reunir em tela a Capitã Marvel, Monica Rambeau e a estreante Ms. Marvel em uma trama pelo espaço e pelo Multiverso. O longa é um grande crossover entre três franquias completamente diferentes da casa, fazendo desse filme um dos projetos com mais cara de “história em quadrinho” dos últimos anos.

A história da vez gira em torno de um acontecimento misterioso que foi introduzido ao final da série ‘Ms. Marvel’ (2022). Na cena pós-créditos do último episódio, a pequena Kamala Khan (Iman Vellani) usa seus poderes no quarto de sua casa e desaparece misteriosamente, sendo substituída pela Capitã Marvel (Brie Larson) que surge sem entender nada. Na época, ficou muito confuso, mas agora as coisas começaram a fazer sentido.

Em ‘As Marvels’, uma vilã alienígena da raça Kree quer acabar com a Capitã Marvel e vai tentar tirá-la de seu caminho entrelaçando os poderes da vingadora com o de outros super-humanos de habilidades parecidas. Então, toda vez que Carol Danvers, Monica Rambeau (Teyonah

MAIS ALTO. MAIS LONGE. MAIS VELOZ!

Em ‘As Marvels’, trio de super-heroínas vai tentar salvar o Multiverso enquanto trocam de lugar

Parris) e Kamala Khan usarem seus poderes, elas vão trocar de lugar entre si. Só tem um problema: o trio é completamente diferente e nem todas sabem exatamente como controlar plenamente seus poderes. Então, por exemplo, se uma estiver voando, pode acabar trocando de lugar com a Kamala, que ainda não sabe voar. Como a menina vai fazer para se salvar aparecendo magicamente no céu em queda livre?

A partir dessa premissa, as três vão precisar se encontrar para definir como lidar com a situação. E como é de praxe nas aventuras de super-heróis, a chave para resolver o problema é aprender a trabalhar em equipe. No entanto, em meio a essa situação adversa, a supervilã da vez, a Kree Dar-Benn (Zawe Ashton) põe em curso um plano para romper a realidade e novamente trazer caos para o Multiverso. É uma luta contra o relógio para se salvar e salvar as múltiplas realidades coexistentes. Será que as Marvels vão conseguir?

Continua na página seguinte

Monica Rambeau, Kamala Khan e Carol Danvers vão trabalhar juntas para derrotar uma aniquiladora Kree



Marvel Studios

Diversão e igualdade nas telonas

E desde o primeiro capítulo, a trajetória da Capitã Marvel no MCU, iniciada em 2019, enfrenta um adversário que transcende as telas: o preconceito. Criada no final dos anos 1960, Carol Danvers foi uma personagem revolucionária nas HQs. Surgindo no auge do movimento feminista, ela veio uma super-heroína que lutava também com sua identidade secreta, pleiteando direitos para mulheres, como pagamento igualitário. E por mais incrível que pareça, a reclamação dos supostos fãs, que estão há quatro anos fazendo boicote contra a personagem, é que o filme é “lacrador” por mostrar uma ex-militar considerada a mulher mais poderosa do Universo Marvel, que não se curva para quem quer que apareça no caminho. Ou seja, estão chorando por fidelidade aos quadrinhos.

Diversidade

Ciente da campanha misógina, a Marvel não recuou e reuniu um grupo que certamente vai incomodar quem não aceita que o mundo mudou e que há espaço para que todos e todas sejam protagonistas de suas histórias.

Desde ‘Capitã Marvel’, o primeiro do MCU a ser dirigido por uma mulher, Anna Boden, a Marvel fez questão de estabelecer a franquia como símbolo do protagonismo feminino. Em ‘As Marvels’, isso será ampliado ainda mais. Quem dirige agora é Nia DaCosta, de ‘Little Woods’ (2018) e ‘A Lenda de Candyman’ (2021). Com apenas 33 anos, Nia se tornou a diretora mais jovem a comandar um filme do MCU.

Mais do que isso, as três protagonistas são um combo diverso, algo ainda pouco comum nesse tipo de produção. Carol Danvers é uma líder independente, que viaja pelo universo salvando vidas e planetas inteiros. Monica Rambeau é uma mulher negra que trabalha para a principal agência espacial dos EUA, enquanto Kamala é uma adolescente de família paquistanesa que acabou de ganhar seus poderes, precisando lidar com as contradições de seus atos rebeldes com sua religião muçulmana. Em tempos



Marvel Studios

Os ‘Flerkens’ roubaram a cena no trailer do filme, com a aparência de simpáticos gatinhos

Marvel Studios

de ‘Black Live Matters’ e do forte preconceito contra imigrantes, lançar um filme assim nos EUA é uma forte mensagem contra os tempos sombrios vividos pelo mundo.

Opostos se atraem

Mesmo sendo uma aventura pelo espaço, o filme promete se consagrar pela interação das três super-heroínas, que são completamente diferentes. Carol é uma militar casca grossa que não tem paciência pra bobagem, enquanto Kamala é uma criança que cresceu idolatrando a Capitã Marvel, fazendo podcasts e escrevendo ‘fanfics’ protagonizadas por Carol. Agora, as duas vão trabalhar juntas. É como se a maior super-heroína do MCU ganhasse uma estagiária que não sabe o que está fazendo.

Entretanto, o grande conflito do trio vem da relação estremecida entre Carol e Monica Rambeau. Introduzida no primeiro filme da Capitã Marvel, Monica é afilhada de Danvers e mesmo sendo apenas uma criança em 1995, ajudou sua ‘Tia Carol’ na missão contra os Kree. Apelidada de ‘Tenente Problema’, por ser uma criança energética, Monica cresceu na esperança de



A gatinha Goose é tão querida pelos fãs que ganhou um pôster exclusivo com os Flerkens

voltar a ver sua madrinha, que foi para o espaço e nunca mais voltou.

O problema é que os anos se passaram e a mãe de Monica, Maria Rambeau, descobriu um câncer. Durante os tratamentos, Monica acompanhou a mãe diariamente até o dia em que Thanos estalou os dedos e acabou com metade da vida no universo. Infelizmente, Maria não foi “apagada” e passou pela quimioterapia sozinha. Então, quando os Vingadores trouxeram todos os apagados de volta a vida, Monica descobriu que sua mãe ha-

via morrido.

De luto, Rambeau ficou magoada com a Capitã Marvel por ter abandonado as duas sozinhas na Terra por quase 30 anos. Agora, Carol e Monica vão se reencontrar pela primeira vez, precisando superar todas as mágoas para tentarem sobreviver a ameaça de Dar-Benn.

Das telinhas para as telonas

Diferentemente de Carol, que teve sua história contada nos cinemas, Monica teve seu arco de super-heroína desenvolvido em uma série do Disney+. O público viu um pouco de sua infância em ‘Capitã Marvel’, mas foi em ‘WandaVision’ que ela ganhou seus superpoderes. Na série, a Feiticeira Escarlata (Elizabeth Olsen), tomada pelo luto, usou seus poderes para sequestrar a cidade de WestView, onde criou uma cúpula de energia para isolar a cidadezinha e transformar seus habitantes em personagens inspirados nas suas séries favoritas. Então, Monica foi enviada pela agência para dar fim a essa maluquice. Ela atravessou o campo energético, mas acabou sendo enfeitiçada. E quando despertou, foi afetada pela energia da cúpula, ganhando a capaci-

dade de ver e manipular energia.

Já a história de Kamala foi contada na série ‘Ms. Marvel’, também lançada no Disney+. O público acompanhou a menina encontrar um bracelete ancestral da família, que despertou seus poderes mutantes de materializar energia, fazendo de Kamala a primeira mutante do MCU.

Agora, as duas terão a chance de mostrar mais do que são capazes para um público mais amplo nos cinemas.

Flerkens

Quem também volta para o filme é o espião Nick Fury, que roubou a cena em ‘Capitã Marvel’ por sua inesperada interação com a gatinha Goose, que na verdade era um alienígena perigosíssimo da raça Flerken, que tem a aparência de um gato doméstico. E para o delírio dos fãs, a Goose retorna para a sequência com uma série de Flerkens mais jovens. Ou seja, a diretora queria colocar um monte de gatinhos bebês no filme e a forma que encontrou para fazer isso foi transformá-los nessas maquinhas de destruição em massa.

Fundamental

Por fim, o filme tem essa vibe de aventura entre inimigas que virarão amigas, mas traz um cenário importantíssimo para o futuro deste universo. O plano da vilã é causar um colapso de realidades no Multiverso, o que deve estar ligado ao vilão dos próximos dois filmes dos Vingadores, o déspota Kang (Jonathan Majors).

Ou seja, ‘As Marvels’ ganha um status de filme-evento que poderá definir os caminhos que serão seguidos pelos heróis nos próximos dois anos da empresa, incluindo a tão sonhada estreia dos X-Men.

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Drácula da Cavídeo

‘Não Sei Quantas Almas Tenho’, filme brasileiro de vampirismo, arrebatou plateias no Estação Botafogo e se candidata a cult, tendo o cineasta judoca Cavi Borges na jugular

Desde sua passagem pelo Festival de Cannes com o curta-metragem “A Distração de Ivan” (rodado em duo com Gustavo Melo), o cineasta, produtor, judoca e agitador cultural Carlos Vinícius Borges, o Cavi, teve seu nome associado a um veio social, que se fortaleceu com o .doc que rodou a quatro mãos com Luciano Vidigal sobre “Cidade de Deus”, em 2012. Porém, numa sinergia de amor, talento e anseios com a atriz, bailarina, coreógrafa e realizadora Patrícia Niedermeier, ele expandiu seus anseios em sua faceta de cineasta. Títulos como “Salto no Vazio”, lançado em 2018, levaram o imparável diretor carioca à beira do ensaio. Numa viagem por Portugal, complementada por rodopios por cantos do Rio, ele, Patrícia e um terceiro elo de sua cadeia investigativa da estética audiovisual – o ator e produtor Jorge Caetano – resolveram se arriscar por um filme de vampiros. “Não Sei Quantas Almas Tenho” é uma avassaladora exploração metafísica sobre a durabilidade do espírito num plano existencial no qual a matéria tem seu valor relativizado por ditames morais e pela mercantilização dos corpos.

Paralelamente com seu trabalho de manter o Estação lotado, transformando-se numa espécie de streaming vivo – a Caviflix – para a formação de olhares, Cavi conversa com o Correio sobre esse momento Bram Stoker de sua carreira:

De que maneira “Não Sei Quantas Almas Tenho”, assinado por Patrícia Niedermeier, Jorge Caetano e você, demarca uma relação histórica sua de cinéfilo na relação com o cinema de terror?

Cavi Borges: Sou dono de locadora e o gênero terror foi sempre um filão que fez muito sucesso no aluguel de DVDs e do VHS, principalmente para adolescentes e jovens adultos. Não sou um especialista no setor, mas gosto muito de bons filmes horroríficos. Esse longa-metragem que eu fiz com a Pati e com



Divulgação



Patrícia Niedermeier com Cavi Borges e Jorge Caetano se uniram em ‘Não Sei Quantas Almas Tenho’ (acima)

o Jorge é todo cheio de referências cinéfilas. Você vai encontrar dentro dele citações de “Fome de Viver”, do Tony Scott, do Bela Lugosi, do “Nosferatu” de Herzog... A gente tem também muito do filme de

um super longa do Jim Jarmusch, o “Amantes Eternos”, de 2013. Esse talvez seja a nossa maior influência. Não é um filme de vampiro tradicional, não tem tantas mortes, é uma coisa meio existencialista. É vampiro

trazem de mais humanista e de que maneira o tema conversa com a sua tradição de filmes mais sociais?

Nosso longa não é um filme de vampiro tradicional. Na verdade, eu diria até que é um filme de amor, só que com vampiros. É a história de um vampiro que se apaixona por uma mulher. Ele não quer transformá-la em vampira pois considera a vida eterna uma maldição. Sua meta é ficar reconquistando essa amada nas novas encarnações pelas quais essa mulher passa. É o Jorge tentando seduzir a Patrícia. É um filme que discute a vida eterna, que discute várias questões filosóficas. Até questões químicas estão lá. A Patrícia é uma química, então a gente usa as tabelas periódicas para demarcar os episódios que costumam a narrativa. A primeira morte do filme vai acontecer lá por uma hora e meia da trama quase, quando a Patrícia realmente resolve virar vampira e se transforma numa sanguessuga assassina. Mas é um filme de filosofia muito influenciado pelas questões que a Patrícia estuda, como a alquimia.

Patrícia, Caetano e você lançaram “Não Sei Quantas Almas Tenho” em meio a uma mostra de terror no Estação, a Terrível. Como você avalia a recepção do público ao evento?

A recepção do público a essas mostras de terror que fazemos é sempre muito boa, e lota. Lota muito. A gente aproveitou essa segunda edição do evento, numa proximidade com o Dia das Bruxas, para lançar nosso filme, que estava inédito, no cinema. Muita gente que estava indo ver a Mostra Terrível, via o trailer do nosso longa passando lá e, depois, vinha ver o nosso filme. Em duas semanas, o filme lotou todas as sessões praticamente, aproveitando esse público festivo. A gente tem percebido que, aqui no Estação, o gênero terror e as tramas LGBTQIAP+ são os veios que atraem mais público, principalmente os jovens. Praticamente quase todo dia tem sessão lotada aqui para terror, desde “O Iluminado” até a animação “Perfect Blue”, passando por “Possessão”.

está em crise existencial. Não é um vampiro assassino que morde pessoas. É vampiro que rouba hemácias do banco de sangue dos hospitais. Então, tem muita referência assim, indo até ao Bergman de “O Sétimo Selo”.

Como foi o percurso de realização e produção dele?

A gente aproveitou uma viagem para Portugal, para lançar o “Fado Tropical”, e começamos a filmar nos castelos de lá. Fomos em Évora. A gente também tinha uma vontade de ir para a Transilvânia filmar, mas acabamos não conseguindo. Depois a gente foi para o Maranhão, numa outra viagem, filmamos lá algumas partes. Finalizamos tudo aqui no Rio, durante a pandemia. Tem várias cenas filmadas dentro do Estação Botafogo.

O que os filmes de vampiro

Números à francesa

Produções europeias elevam o cacife da França nas telas e esquentam a procura pelo Varilux



Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Desde janeiro, quando “Herói de Sangue” (“Tirailleurs”), com Omar Sy, bateu a marca de 1 milhão de ingressos vendidos em Paris, Marselha, Nice e arredores, o cinema francês vem celebrando a hipótese de voltar a emplacar vários longas na marca do blockbuster, de modo a recuperar a excelência comercial de anos pré-pandemia. Um dos grandes sucessos franceses do ano, ganhador da Palma de Ouro do Festival de Cannes, em maio, vai estar a partir de hoje na grade do Varilux: “Anatomia de uma Queda” (“Anatomie d’Une Chute”), de Justine Triet. O longa abriu a Mostra de São Paulo, no dia 19 de outubro, e terá sessão nio neste sábado, às 21h15, no Estação NET Botafogo.

Exibido ainda no Festival de Locarno, na Suíça, o longa estrelado pela alemã Sandra Hüller ganhou prêmios ainda em mostras em Sydney e Bruxelas. Foi o terceiro filme da História dirigido por uma mulher a levar a prestigiada honraria de Cannes para casa, precedido pelo cult “O Piano” (1993), de Jane Campion, e pelo igualmente aclamado “Titane”, de Julia Ducournau. No Brasil sua estreia já



Anatomia de uma Queda (“Anatomie d’Une Chute”), de Justine Triet

está assegurada pela distribuidora Diamond.

Essa produção de 6 milhões de euros é uma trama de tons policiais sobre uma escritora, Sandra Voyter (papel de Hüller), acusada pela morte do marido e esmagada pela mirada sexista por trás dessa acusação. O roteiro foi escrito por Justine em duo com Arthur Harari. Sob uma ótica investigativa contra o sexismo, Triet renova um filão com um vasto histórico de sucesso popular, sobretudo em telas francesas, onde diretores como André Cayatte (1909-1989), famoso por “Somos Todos Assassinos” (1952) e “O Direito de Matar” (1950), consolidaram as narrativas judiciais como um veio dramaturgico. “É um estudo sobre o espaço privado quando este é devassado pela sociedade. Tentei, pra isso,

expandir os códigos dos `filmes sobre processos legais`. É uma análise das palavras da Corte”, disse Justine ao Correio, em Cannes.

Embora não esteja na grade do Varilux aberta ao público, “Os Três Mosqueteiros: Milady” terá uma sessão para convidados, promovida pelo Telecine no Rio. É a sequência de um fenômeno comercial, chamado Dartagnan”. Do início de abril até hoje, quando segue nas telas da Europa, a nova adaptação audiovisual de “Les Trois Mousquetaires”, pérola literária publicada em 1844 por Alexandre Dumas (1802-1870), já vendeu 3,3 milhões de ingressos na França, fatiando a trama original em dois longas-metragens. Os números supracitados, que levam os exibidores francófonos aos sorrisos, corres-

pondem só à primeira parte do díp-tico construído com arrojo formal, domínio espartano das sequências de luta e nenhuma extravagância por Martin Bourboulon (de “Eiffel”). O tomo 1, “D’Artagnan”, é uma narrativa de introdução de um jovem aspirante a soldado do rei e sua amizade com um trio de guerreiros já consagrados, ao mesmo tempo que funciona – e bem – na ambientação de um enredo conspiratório contra o Rei Louis XIII, vivido por um Louis Garrel na plenitude de seu ferramental cênico. Para as novas gerações, alfabetizadas na cartilha da ação via “John Wick”, trata-se de um eletrizante exercício dos códigos da ficção capa & espada, pautado pelo ethos do “Um por todos! Todos por um!”.

No Brasil, sua dublagem é exem-

plar, com destaque para Hélio Ribeiro, astro rei de seu ofício que empresta a voz ao atormentado Athos, vivido por um Vincent Cassel em estado de graça. É um achado também o trabalho de Luiz Feier dublando o Porthos encarnado com humor por Pio Marmã). Um Porthos bissexual, adequando o enredo de Dumas aos pleitos de inclusão da contemporaneidade. Igualmente prafrentex é a maneira como Romain Duris consegue fazer de Aramis um Casanova não machista.

No roteiro de Matthieu Delaporte e Alexandre de La Patellière, Eva Green entra em cena soberba como Milady, uma agente do Cardeal Richelieu (Eric Ruf) para desestabilizar o reinado de Louis XIII. Numa de suas artimanhas, ela falha em matar o quase mosqueteiro D’Artagnan, a quem o ator François Civil vai emprestar carisma, inteligência e retidão. O herói será a pedra nos sapatos dos múltiplos conspiradores que querem derrubar o status quo da França muito bem recriada no uso do chiaroscuro e na depuração de tons ocres, terrígenos, na fotografia de Nicolas Bolduc. O agilíssimo ritmo de montagem não impede que o espectador possa degustar o detalhismo dessa sagaz composição de luz de Bolduc. Que iguaria pop temos em cartaz!

Getty Images para The Latin Recording Academy



Maiores festa da música em línguas espanhola e portuguesa, o Grammy Latino será transmitido pela primeira vez no Brasil

A Academia Latina da Gravação, os canais fechados Bis e Multishow e a plataforma Globoplay anunciaram um acordo de três anos para transmitir a entrega anual do Grammy Latino no Brasil.

A 24ª Entrega Anual do Grammy Latino acontecerá no dia 16 de novembro em Sevilha, Andaluzia, Espanha. No Brasil, o evento irá ao ar na mesma data, exclusivamente no Bis e no Globoplay, que oferecerá a transmissão gratuitamente para não assinantes, ampliando ainda mais o alcance e a visibilidade da maior noite da música latina. Guilherme Guedes e Kenya Sade comentarão a cerimônia ao vivo no estúdio. Já o Multishow exibirá um compacto de 90 minutos da cerimônia de premiação, no dia 20 de novembro, com os momentos mais marcantes da noite. “Estamos muito felizes em

Grammy Latino, enfim, chega à TV brasileira

Academia Latina da Gravação e Globoplay fecham acordo de três anos para transmitir a premiação

anunciar esta parceria para transmitir a entrega do Grammy Latino. A premiação tem muita sinergia com nossos canais, que têm a música no DNA. É o evento mais esperado da música latina e a participação de artistas

brasileiros aumenta a cada ano”, comenta Raphael Corrêa Netto, diretor dos canais pagos de entretenimento, variedades e infantil da Globo.

A premiação também terá cobertura do portal Gshow, com

destaques exclusivos transmitidos em seus canais e plataforma de streaming.

“É com grande entusiasmo que a Academia Latina da Gravação anuncia a renovação de uma aliança valiosa com o Grupo Glo-

bo. Vemos esta colaboração como uma ponte que nos permite compartilhar o encanto dos Grammys Latinos com um número crescente de lares brasileiros. Estamos empenhados em cumprir a nossa missão de celebrar e promover a imensa diversidade e o patrimônio cultural rico que caracteriza a música latina, com a participação fundamental da comunidade da música brasileira”, reforça Manuel Abud, CEO da Academia Latina da Gravação.

A cerimônia deste ano terá apresentação de Danna Paola, Roselyn Sánchez, Paz Vega e Sebastián Yatra, com shows de grandes nomes como as brasileiras Iza - indicada na categoria Melhor Interpretação Urbana em Língua Portuguesa - e Natascha Falcão, indicada na categoria Artista Revelação, além de performances de Alejandro Sanz, Bizarrap, Rauw Alejandro, Camilo, Juanes, Ozuna e Maria Becerra, dentre outros.

Ballet invade o Rio

Cidade recebe nas próximas semanas espetáculos de excelência



Noite de Walpurgis

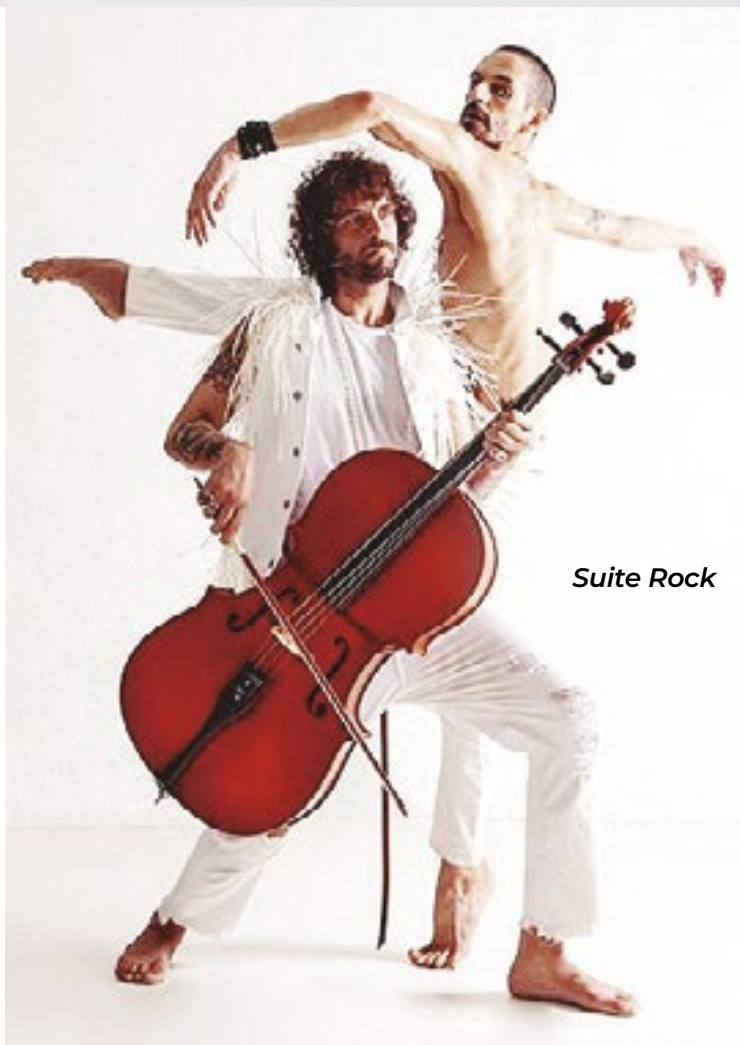
Claudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

O ballet, ou simplesmente balé, como também pode aparecer na literatura, é um estilo de dança que teve origem na Itália. A própria palavra tem origem italiana, no vocábulo “ballare”, que pode ser traduzido como bailar. Atualmente são muitos gêneros, jazz, moderno, mas todos são a transmissão da expressão verdadeira dos movimentos, dos gestos e da fisionomia, dos sentimentos e das paixões à alma dos espectadores”. Ao longo das próximas semanas, o Rio vai ter oportunidade de encontrar duas manifestações diversas, impactantes do que o balé representa hoje: Encontro da Dança – Cias e Coreógrafos e Les Ballets Trockadero de Monte Carlo.

O Encontro da Dança – Cias e Coreógrafos que vai reunir os grupos de dança mais expressivos e ativos no Rio e no Brasil, numa demonstração de união, participação e construção para estabelecer uma reflexão sobre a importância da dança, no estado e na cidade. Os espetáculos ficam em cartaz de 10 a 19 de novembro e os ingressos já estão disponíveis.

“O Rio de Janeiro sempre irradiou sua cultura por nosso país e influenciou outros artistas. No entanto, nos últimos anos, o Rio tem perdido esse protagonismo e nos cabe resgatar esse prestígio, mostrando que existe força e união na nossa classe artística.”, destaca Dalal Achcar. Focando na parceria com coreógrafos e Cias, ela tem o objetivo de trazer frescor e um ar mais plural para o mercado do ballet no Brasil. Dalal ressalta ainda a importância do intercâmbio entre as companhias, um movimento muito comum na Europa: “É importante para firmar a força da dança. O processo de criação é uma constante troca”, reforça.

Para a primeira edição do encontro foram convidadas cinco companhias e coreógrafos em atividade na cena carioca ao longo das últimas décadas e que trazem a representatividade de diversas vertentes da dança. Nos dias 10, 11 e 12 de novembro, se apresentam Alex Neoral/ Focus Cia de Dança, Cia Regina Miranda & AtoresBailarinos e a Cia de Ballet Dalal Achcar. No fim de semana seguinte, dias 17, 18 e 19 de novembro, sobem ao palco Renato Vieira/ Renato Vieira Cia de Dança, Giselle e Flávia Tápias /



Suite Rock

Espaço Tápias, Ballet do Theatro Municipal do RJ e a Cia de Ballet Dalal Achcar.

Les Ballets Trockadero de Monte Carlo - o nome pretende ser

ridículo -, fundada em Nova Iorque, é uma companhia de dançarinos apenas, com formação clássica que viajam por todo o mundo com sua mistura de arte e comédia há 40

anos. Com um programa inédito no Brasil, O Lago dos Cisnes, Atto II”, Pas de Deux, Pas de Quatre, a “Morte do Cisne” e “Walpurgisnacht”, cada bailarino representa várias personas, somando mais de 60 personagens entre cisnes, sílfides e levam, 15 malas com 60 figurinos, 80 pares de brincos e 110 pares de cílios postiços.

Há mais de 50 anos, é a companhia de balé cômico mais importante do mundo, parodiando as convenções do balé romântico e clássico. Para Steffen Dauelsberg, diretor executivo da Dellarte, As pessoas terão oportunidade de vivenciar uma noite de grande entretenimento. Eles são espetaculares! Técnica, interpretação e humor ímpares.

SERVIÇO

Ballets Trockadero

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | 11 e 12/12, sábado (15h e 20h) e domingo (17h) | Ingressos: <https://www.dellarte.com.br/programacao-e-ingressos>

Encontro da Dança – Cias e Coreógrafos

Teatro Prudential (Rua do Russel, 804 - Glória) | 10 a 19/11

'Seis Tempos' em única apresentação

Monólogo com Najla Raja será encenado no Espaço Tápias

Com textos adaptados do livro "Seis Tempos", de Therezinha Mello, a atriz Lucrécia Marques apresenta um monólogo dirigido por Najla Raja, com única apresentação, no próximo sábado (11), às 19h, na Sala Maria Thereza Tápias. A atriz e diretora assinam a adaptação para o palco.

Após a leitura do livro homônimo, foram selecionados alguns

contos que abordam valores éticos e morais e têm uma história lúdica, sejam como romance, como lembranças da infância, amores platônicos ou experiências de vida. Os textos propõem uma volta ao passado, reflexões do cotidiano e expectativas de futuro. Tudo de uma forma simples e poética de enxergar a vida, com muita sabedoria, questionamentos e inseguranças naturais do ser humano.

"Queremos com a apresentação desse monólogo, emocionar e trazer recordações que fizeram parte da vida de todos nós e com a experiência das personagens trazer à baila a discussão do que foi, do que é e do que será válido absorver dos contos da autora. A finalidade é que todos saiam do teatro comovidos e pensando no que poderiam ter feito e o que teria acontecido se não tivessem ficado no 'se'. A escritora diz, em um de seus poemas, que o poeta quando escreve é para ver sua dor passada a limpo. Nesse monólogo teremos várias oportunidades de nos vermos frente a frente com esses momentos", diz Najla Raja.

SERVIÇO

SEIS TEMPOS

Centro Cultural Espaço Tápias (Rua Armando Lombardi, 175 - Barra da Tijuca)

11/11, às 19h

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



Peça é dirigida e encenada por Najla Raja

FERNANDO MOLICA



"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas"

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.